



Palavras-Chave:
→Pandemia
→COVID-19
→Tempo
→Corpo
→Sombra coletiva

Paulo Toledo Machado Filho <ptmachadof@uol.com.br>
Médico psiquiatra
Psicoterapeuta junguiano especializado em técnicas de abordagem corporal
Sociólogo
Mestre em Antropologia Social pela USP
Docente e coordenador do curso Jung Et Corpo do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo

Tempo de pandemia

Foto: © sashafreemind
<bit.ly/2WtGuPX>

Estudo reflexivo sobre a pandemia do COVID-19: efeitos da pandemia e do isolamento social sobre o tempo, o corpo das pessoas e sobre o planeta, os aspectos simbólicos, e como a polarização política e social, como expressões da sombra coletiva, interferiram no controle da pandemia.

A pandemia provocada pelo coronavírus COVID-19, que se iniciou em Wuhan, na China, no final de 2019, chegou ao Brasil nos primeiros meses de 2020, mas de forma mais contundente em março deste mesmo ano, quando começaram a aumentar o número de contágios e de mortes. Como primeira medida de proteção da população, foi proposto, em meio a muita polêmica, o isolamento social coercitivo, que no Estado de São Paulo iniciou-se, oficialmente, no dia 24 de março, isolamento que, no momento em que redijo este artigo, já completou quatro meses e começa gradativamente a flexibilizar-se.

Como consequência do isolamento, observou-se, a princípio, um esvaziamento quase total das ruas da cidade; um grande silêncio tomou conta de São Paulo, cidade que normalmente é freneticamente agitada, e houve, como resultado, uma significativa melhora no ar que respiramos. À noite, as estrelas no céu tornaram-se mais visíveis, e o rumor da cidade trepidante foi substituído pelo som difuso de algumas vozes de crianças, de pessoas falando um pouco mais alto ou dos latidos dispersos de alguns cães da vizinhança. Como no dia seguinte não se iria sair de casa para trabalhar, modificou-se a percepção do tempo, que se tornou estranho, como se estivesse paralisado, e, a princípio, ninguém sabia ainda como se construiria a nova rotina e nem até quando prosseguiria o isolamento.

Mas, em meio às observações acima, começou a notar-se também um medo indefinido entre as pessoas; cruzar com alguém, quando havia a necessidade de sair à rua, tornou-se temeroso. Surgiram preocupações com os mais idosos ou com aqueles considerados mais vulneráveis à doença do coronavírus, assim como com a solidão daqueles que viviam sós. Muitas pessoas começaram a se mostrar mais tensas e angustiadas: queixavam-se de aperto no peito ou na garganta, relatavam dores imprecisas pelo corpo, outras tiveram crises de ansiedade ou de pânico. As notícias preocupantes sobre a pandemia e com o caos político, estas denotando incompetência, desacertos e até perversidade dos governantes, tornaram-se tóxicas e aumentaram a insegurança e angústia da população. Paralelamente, a mídia começou a divulgar informações sobre casos de abuso de vulneráveis e de violência doméstica contra mulheres e crianças. O isolamento social, cuja função principal foi controlar a evolução da pandemia, em um primeiro momento se apresentou, também, como sendo uma oportunidade de reflexão para toda a humanidade e de repouso para o planeta, mas, por outro lado, permitiu que se revelassem, infelizmente, outros aspectos da coletividade, estes mais sombrios e até malévolos.

Os recursos tecnológicos foram muito úteis nessa etapa da pandemia: permitiram que muitas pessoas retomassem suas atividades trabalhando em casa, de modo remoto, e sustentassem seus empregos; as aulas dos estudantes, pouco a pouco, também foram se adaptando ao modelo *online*, através de plataformas que foram gradativamente se aperfeiçoando. Entraram em cena as palestras, espetáculos musicais e debates através das *lives* ou de *webinars*, que também viriam a favorecer, mais tarde, os encontros familiares, e a ocorrer difusão de filmes e espetáculos musicais e esportivos por *streaming*, expressões que começaram a se integrar ao uso comum, e aumentando muito, em consequência, o tempo gasto diante das telas dos *smartphones*, *notebooks* e *videogames*. Mas, simultaneamente, passou a existir uma grande preocupação com outras pessoas que perderam seus empregos e com os pequenos empresários, que não tiveram como continuar seus negócios. As previsões, na área econômica, tornaram-se imprecisas e temerárias.

A PANDEMIA COVID-19

O COVID-19 é a terceira onda da doença causada por coronavírus. A primeira onda, a *Severe Acute Respiratory Syndrome* (SARS), iniciou-se no sul da China, em 2003; sua letalidade, conforme Araújo (2020), foi de 10 % das pessoas e

chegou a 29 países. Esta doença teria sido originada dos gatos-da-algália, infectados por morcegos e posteriormente transmitida a seres humanos. Em 2012, conforme a mesma autora, surgiu, na Arábia Saudita, a *Middle East Respiratory Syndrome Coronavirus* (MERS), originada de dromedários, com letalidade de 30 % e afetando 27 países. Em 2019, um surto de pneumonia viral iniciou-se em Wuhan, na China, e o vírus foi identificado em janeiro de 2020 como sendo um novo coronavírus, que foi denominado SARS-CoV-2. Ele também foi originado de animais silvestres, não se sabendo ainda ao certo se de pangolins, tartarugas ou cobras (hospedeiros intermediários), igualmente infectados por morcegos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) denominou essa doença como "doença do coronavírus-19" (em inglês, COVID-19). Como consequência de seu elevado índice de disseminação (capacidade de contágio – RO, de 2,79, e no Brasil, chegou a 2,9; a da H1N1, por exemplo, tem RO de 1,2), a OMS declarou oficialmente, em 11 de março, estado de pandemia, e "instituiu o isolamento social e o afastamento compulsório de indivíduos com quaisquer sintomas respiratórios" (MENDES, BAIMA e POLLA, 2020, p. 23). O nosso país, infelizmente, foi alcançado pela pandemia de forma devastadora.

A principal porta de entrada deste vírus em seres humanos são as vias respiratórias; ele se replica no epitélio alveolar e progride posteriormente para uma pneumonia viral, podendo produzir, na sequência, uma cascata inflamatória que pode também atingir outros órgãos, como o coração, o cérebro e o aparelho digestório. As pessoas portadoras de doenças crônicas, os obesos e os idosos são mais vulneráveis à doença, estes últimos devido à imunossenescência, às interações medicamentosas ocasionadas pelo uso de muitos medicamentos e a um estado inflamatório de baixo grau (*inflamming*), que é comum na senescência (ARAÚJO, 2020).

Os principais sintomas da infecção pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) são a febre, tosse seca, mialgia e dispneia (falta de ar), podendo também ocorrer dor de garganta, cefaleia, coriza, diarreia, hipogeusia (diminuição do paladar) e hiposmia (diminuição olfativa). Outros sintomas neurológicos também têm sido relatados, como vertigem, tontura, alteração de consciência e ataxia (MENDES, BAINA e POLLA, 2020).

Atualmente, a comunidade científica, no mundo inteiro, está envolvida na busca da vacina ou de outros tratamentos para a doença do COVID-19. Mas, enquanto não se alcança esse objetivo, verifica-se o surgimento de propostas de tratamento sem validade científica, às quais, setores médicos ou grupos de interesses políticos, de modo semelhante ao que ocorria no passado com as "panaceias milagrosas", apegam-se de modo dogmático e quase criminoso, como está acontecendo, no Brasil, com a cloroquina, a hidroxicloroquina e com o antiparasitário ivermectina. Estes medicamentos, por não terem validade científica para o tratamento da doença do novo coronavírus, não são recomendados pela OMS, observando-se que o uso dos dois primeiros pode, inclusive, desencadear graves efeitos colaterais, como arritmia cardíaca severa e indução de sintomas psicóticos, principalmente em idosos. As redes sociais, que poderiam ser importante instrumento de apoio no combate à pandemia, também fizeram e prosseguem fazendo circular muita desinformação sobre estas e outras condutas bizarras de tratamentos. Na realidade, enquanto não se descobrir a vacina contra o novo coronavírus, o uso de máscaras, a higiene cuidadosa das mãos e o isolamento social continuam sendo os melhores procedimentos para se evitar o contágio e a propagação da doença.

O TEMPO NA QUARENTENA

Quando a pandemia do COVID-19, que se iniciou na Ásia, alcançou a Europa, e de modo mais contundente a Itália, ainda invadida por milhões de turistas do

mundo inteiro, intensificaram-se as informações impactantes, através das várias mídias, sobre a rapidez crescente e exponencial do número de contágios e de mortes. Nesse momento, o recurso ao confinamento coercitivo, estimulado pela OMS e pela experiência empírica dos povos que já enfrentaram outros surtos epidêmicos ou pandêmicos, tornou-se praticamente universal, e fomos tomados pela sensação de que o mundo parou. Circularam, pouco tempo depois, imagens das cidades vazias e das águas dos canais de Veneza ou da atmosfera das grandes metrópoles chinesas completamente despovoadas, como há muito tempo não se via. Nesse momento, começou a refletir-se se essa pausa não era justamente o que o mundo estava mais necessitando.

O nosso tempo, até então, caracterizava-se por uma vertiginosa aceleração e grande exigência produtiva nas frentes de trabalho; paralelamente, uma intensa circulação de informações e mensagens tomava o restante do tempo livre das pessoas, em um mundo onde "tudo está conectado a tudo". Sobre essa questão, o filósofo coreano Byung-Chul-Han (2005) considera que o indivíduo conectado deste tempo se vê emaranhado em uma rede de possibilidades que nunca o sacia, e que, em seu empenho de informar-se e produzir, acaba por tornar-se algoz de si próprio; ele "surfa" incessantemente através de infinitas "janelas" do espaço virtual, o que não quer dizer agregando a totalidade das mensagens e informações. Han é explícito e mordaz sobre essa condição: *O ser se dispersa em um hiperespaço de possibilidades e acontecimentos que, ao invés de gravitarem, apenas, por assim dizer, zumbem* (p. 94).

Para o filósofo coreano, a aceleração temporal desse momento não significa vivência intensa e adequada do presente, quando a "fragmentação, pontualização e pluralização são sintomas do presente", o que, para ele, traduz a característica da experiência temporal de hoje. Na sequência, encontramos:

Não há mais um tempo que seja cumprido por uma bela tessitura de passado, presente e futuro, ou seja, pela história, por um arco de suspensão narrativo. O tempo fica nu, ou seja, despe-se de narrativa. Surge um tempo pontual ou um tempo-acontecimento que não pode conter muito sentido devido à sua falta de horizonte (Ibidem p. 92).

Mas esse tempo pontual a que se refere Han, "devido à sua falta de horizonte", certamente não é o mesmo tempo correspondente ao "pontinho" deixado por Deus, referido por Eckhart, e que Suzuki afirma corresponder ao que os budistas chamam de *satori* (SUZUKI, 1957). O "pontinho", de que fala Eckhart, é o ponto sutil, inacessível à consciência, onde o finito encontra-se com o infinito, ou, conforme Suzuki, "o infinito torna-se finito e o finito, infinito" (Ibidem p.80); corresponde àquele instante hipotético, sutil e fugaz, entre o futuro e o passado, ou seja, o presente, cuja subjetividade, se alcançada, nos deslocaria para o portal da eternidade.

Esse tempo pontual também não é o tempo do filho mais jovem de Zeus celebrado por Íon de Quios, Kairós, o deus do "tempo oportuno", nem o tempo da vivência plena, que celebra o *Amor fati*, de que fala Nietzsche (1882). Ele (o tempo-acontecimento de Han) é um aspecto do tempo profano de nossa vivência empírica, que foi abruptamente paralisado pela pandemia do COVID-19. Este trágico acontecimento nos revelou, paradoxalmente, a possibilidade de uma outra experiência temporal. A própria expressão "quarentena", derivada de "*quaranta giorni*" (quarenta dias), período de tempo exigido pelas autoridades italianas, na época da Peste Negra, para o desembarque das pessoas em seus portos, nos remete à condição de interrupção do tempo. Desse modo, o indivíduo conectado e produtivo, inserido na aceleração temporal de nossa época, se deparou subitamente com a completa paralisação das exigências produtivas, em decorrência da pandemia. A chamada #fique em casa# (*stay home*) "vira-

lizou" (como a infecção pelo SAR-CoV-2!) rapidamente pelo mundo inteiro, e apresentaram-se as questões: o que fazer com o tempo? Ou, o que podemos aprender com este novo tempo?

Houve, no mundo globalizado, portanto, uma interrupção também global das cadeias produtivas e um momento de grande perplexidade dos protagonistas destas engrenagens. Estando em casa, somos todos convidados para olhar para dentro de si próprio. Oportunidade extraordinária, pois este convite se fez para o mundo inteiro: reavaliar os seus sistemas de valores, os caminhos percorridos, os relacionamentos, as motivações, oportunidade até para evocarmos questões historicamente negligenciadas, carentes de uma discussão mais profunda, como as questões de gênero e as questões raciais, que também explodiram nesse período. Mas somente algum tempo depois do final da pandemia é que poderemos avaliar melhor os efeitos desse acontecimento impactante sobre a humanidade.

Em um segundo momento, o caráter resiliente do ser humano tornou possível uma retomada relativa das atividades produtivas de sua própria casa por meio dos recursos tecnológicos já existentes e difundiram-se mais amplamente práticas como *home office*, vídeo conferências, ensino à distância (EAD) e aulas virtuais. Infelizmente, como uma parcela significativa da população ainda não tem acesso a recursos remotos, a atividade digital acaba por intensificar mais ainda o abismo social, já agravado pela voracidade do sistema neoliberal.

Mas a elaboração do tempo nem sempre ocorre de forma adequada. Até porque, a ameaça da pandemia está sempre presente, acrescida do medo que as notícias dos contágios e das mortes, cada vez mais próximas, desencadeiam. Desse modo, a experiência e a reflexão sobre o tempo que se vive são sobrepostos pela expectativa do que pode vir a acontecer; a condição expectante do tempo, em níveis mais elevados e com maior intensidade, corresponde à ansiedade. Com a intensificação desta condição ansiôgena, acontece o que Freud descreveu como "salto do psíquico para o fisiológico", ou seja, é quando ocorre a ativação autonômica do Sistema Nervoso Simpático pela tensão psíquica e forma-se o que Jung chamou de "complexo de tonalidade afetiva". A atividade deste complexo pode gerar crises psíquicas, que, se na época deles era a histeria, hoje pertence ao espectro da ansiedade, e se manifesta patologicamente como Transtorno de Pânico, Transtorno de Ansiedade Generalizado (TAG), Síndrome de Burnout ou Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT). Na pandemia, pelos motivos descritos, aumentou sobremaneira o nível coletivo de ansiedade.

A condição patológica, na elaboração temporal, acontece também quando a experiência do tempo é colapsada: é a condição estressante das pessoas infectadas, isoladas de seus familiares e sendo cuidadas por outras pessoas vestidas com roupas especiais, cujo único detalhe percebido da fisionomia são os olhos através do visor, ou a condição dos próprios profissionais da saúde sofrendo de Burnout, trabalhando esgotados durante muitas horas contínuas, dormindo pouco e sem poderem ir para suas casas ou aproximarem-se de seus familiares. O tempo colapsa também quando a tristeza vira depressão e esta se associa a sentimentos de culpa ou desesperança. As longas internações dos pacientes entubados em UTIs, em decorrência da infecção pelo COVID-19, produzem nos familiares sentimentos conflitantes de culpa por cuidados que não teriam sido tomados, sentimentos que se tornam mais pesados quando o desfecho do caso é a paralisação radical do tempo, significando a própria morte, morte que não será velada e cujo luto será prolongado por não ter sido ritualizado. A condição mais dramática acontece quando o paciente em estado grave, por ser idoso, e em consequência do colapso dos recursos de atenção médica, foi preterido por outro com maior expectativa de vida. Por estes vários motivos, a ocorrência de casos de pacientes com transtornos depressivos graves também aumentou muito neste tempo de exceção que se vive na pandemia.

Ainda assim, podemos esperar que, por meio desta interferência sobre o

tempo empírico ao qual estávamos habituados, devido à pandemia, consigamos aprender alguma coisa que venha a apresentar-se como uma nova perspectiva para as nossas vidas, e nos permita produzir reflexões mais profundas e saudáveis sobre como nos conduzirmos melhor na ordem temporal.

O CORPO NA PANDEMIA

Já verificamos que a doença do COVID-19 é uma infecção que atinge o corpo através das vias respiratórias. Considerando o corpo como "expressão visível da consciência", Dethlefsen e Dahlke (1983) referem que "qualquer infecção é um conflito que se manifestou em forma física" (p.92). A infecção desencadeia um processo inflamatório que, conforme os autores do já clássico livro "A Doença como Caminho", corresponde a uma "guerra dentro do corpo", onde os agentes patogênicos (vírus, bactérias) são combatidos pelo sistema imunológico. O conflito, de acordo com a analogia dos autores, é desencadeado por uma forte reação emocional (uma "explosão" do corpo que in-flama). Nas palavras dos autores (Ibidem p. 92),

[...] a polaridade de nossa consciência como seres humanos nos coloca constantemente em situação de conflito" (...) "Aqueles que não estão dispostos a elaborar seus conflitos e trabalhar no sentido de resolvê-los pouco a pouco, sofrem com sua precipitação para a forma física onde se tornam visíveis através das inflamações.

A infecção provocada pelo COVID-19 atinge o organismo a partir das vias respiratórias, tendo os pulmões como o seu alvo principal, onde pode evoluir para uma pneumonia viral. A superfície interna dos pulmões mede cerca de setenta metros quadrados (comparativamente, a superfície total de nossa epiderme não ultrapassa dois metros e meio), área suscetível à infecção, e que é toda voltada para as trocas gasosas, através da respiração, sendo responsável pela oxigenação de nossas células.

A respiração, como fenômeno rítmico composto pela inspiração e expiração, "é um ótimo exemplo para a lei da polaridade", segundo os autores citados (Dethlefsen e Dahlke). A correspondência entre os dois polos, que se compensam formando a totalidade, consiste em um ritmo que "é o alicerce de tudo o que vive". A respiração, conforme encontramos mais adiante, "abrange as polaridades da recepção e da entrega, do dar e receber" (Ibidem p.109), que corresponde, na opinião dos dois autores, ao simbolismo mais importante da respiração.

Mas a doença do coronavírus é pan-dêmica, ou seja, é uma epidemia generalizada que ultrapassa as fronteiras alcançando vários países, o que nos remete a uma condição coletiva: amplificando a referência simbólica feita pelos autores citados, ela aponta para um mundo também polarizado. A infecção, enquanto "conflito que se manifesta em forma física", por meio de uma pandemia atinge (in-flama) milhões de pessoas. Neste mesmo sentido simbólico, considerando o aspecto coletivo, os muitos conflitos não elaborados que estamos vivendo e que se antagonizam em percepções polarizadas, como, por exemplo, as grandes concentrações de capitais que aprofundam o abismo social, o desmatamento e a emissão desregrada de poluentes na água, terra e ar, o radicalismo político, a discriminação de gêneros e de raças, o fundamentalismo religioso, o abandono de idosos, a exploração de menores e outras mazelas do mundo contemporâneo, questões que não conseguimos resolver, simbolicamente "se precipitam para a forma física onde se tornam visíveis através das (cascatas de) inflamações" em milhões e milhões de pessoas, por meio da pan-demia do COVID-19. É conveniente ressaltar que não estamos desejando afirmar que todo este conjunto de questões não resolvidas, que assinalamos acima, sejam a causa da pandemia,

mas sim que, simbolicamente, a pandemia expõe toda fragilidade e impotência dos anticorpos sociais para contê-la e exige do mundo uma pausa para reflexão, como também uma compreensão simbólica mais aprofundada da relação entre as polaridades "da recepção e da entrega, do dar e receber", como articulações complementares que possam neutralizar os sistemas de oposição e assim favorecer a construção de dinamismos mais solidários.

É também importante considerarmos as consequências da pandemia para o corpo em confinamento. O isolamento coercitivo dentro de casa implica, de imediato, na redução das possibilidades do corpo movimentar-se, o que, por sua vez, implica no aumento dos casos de obesidade e transtornos metabólicos, com suas várias decorrências clínicas. Observamos, através de relatos de atendimentos, que as pessoas passaram a fazer menos exercícios e, devido à ansiedade, começaram a comer muito mais fora de hora. Muitas pessoas não conseguiram manter sua rotina de horários, passando a sofrer de insônia e maior cansaço físico, apesar da diminuição de suas atividades. As consequências para as crianças e adolescentes em idade escolar foram mais graves, aumentando de 75% a três vezes o tempo de exposição às telas, ocasionado pelas aulas online e maior uso de video games, *smartphones* e frequência em redes sociais, segundo pesquisa apresentada em congresso recente¹ pelo psiquiatra Luís Augusto Paim Rohde. Nesta faixa etária, a rotina alterada e mal orientada provocou maior agitação, irritabilidade, insônia e ansiedade. Verificou-se, ainda, em pesquisa relacionada, que o acesso às informações, pelos mais jovens, sem limite ou controle, pode também causar depressão e outros transtornos psíquicos.

Muitos adultos tiveram que se adaptar ao trabalho remoto; como esta condição tem que ser compartilhada com toda família, em alguns casos o ambiente de trabalho tornou-se o próprio quarto de dormir. E nem sempre as condições para o trabalho remoto privilegiaram a ergonomia, sendo causa de dores lombares, nas costas e pelo corpo.

O isolamento social influenciou, algumas vezes de maneira favorável, outras de modo mais desfavorável, os relacionamentos conjugais e familiares; houve situações de casais que, por conta do confinamento, reataram o relacionamento e conseguiram reconstruir os vínculos familiares, mas também aconteceram muitos divórcios ou separações. Sobre a sexualidade², observou-se uma frequência aumentada de visitas a sites de pornografia e aumento da prática de masturbação, principalmente entre aqueles que vivem sós, inclusive com cuidados orientados pela própria OMS. Como consequência também do confinamento, verificamos, em atendimentos, aumento de queixas da ocorrência de sexo não consentido e os jornais noticiaram muitas vezes casos de violência e abusos de ordem sexual contra mulheres, menores e vulneráveis.

A corporalidade, em geral, não foi favorecida durante o período de isolamento social, momento em que os parques, academias e áreas de lazer nos condomínios ficaram fechados, muito embora tenha havido uma grande difusão, através das diversas mídias, de exercícios de relaxamento e meditação, práticas de Yoga, ginásticas de várias modalidades e danças diversas.

A SOMBRA NA PANDEMIA

Considerado historicamente, o flagelo das pestes, que de tempos em tempos dissemina-se de forma epidêmica ou pandêmica, não se constitui em novidade no mundo, sugerindo que a humanidade necessita, a cada momento, de uma nova "advertência" e de uma longa pausa. Algumas pandemias foram marcantes, como a peste bubônica (Peste Negra), que ocorreu na Idade Média, entre

¹ "Crianças e adolescentes mais pertos da tela?", trabalho apresentado no Brain XP Experience, congresso online realizado em 24 e 25/07/2020.

² "A nova sexualidade e a violência doméstica", Abdo, Carmita, id.

1347 a 1351, e que ceifou a vida de 75 milhões de pessoas, e a gripe espanhola, que recebeu esta denominação porque os primeiros casos foram relatados na Espanha, mas que surgiu em uma base militar dos Estados Unidos em 1918, logo após o final da Primeira Guerra Mundial, e em três anos (1918 a 1921) matou entre 50 a 100 milhões de pessoas, mais mortes do que as provocadas pela guerra.

A Peste Negra foi provocada por um bacilo transmitido pela pulga do rato negro, que teria vindo para a Europa em embarcações provenientes da Ásia, e acometia a cadeia ganglionar das pessoas, provocando uma adenite aguda denominada "bubão". A peste possuiu, no entanto, dois grandes sistemas interpretativos, de acordo com o historiador e antropólogo medievalista Jean-Claude Schmidt (1984): a interpretação médica, que naquela época considerava a doença como consequência de uma perturbação da ordem cósmica, à qual o corpo humano estava integrado, e a interpretação religiosa, que considerava o flagelo da peste como um castigo espiritual sofrido coletivamente, onde a cólera divina era atribuída aos pecados dos homens, ou existindo ainda, neste caso, uma intencionalidade divina que colocava os seres humanos em provação. Nestas circunstâncias, ocorreram explosões de agressividade e eleição de "bodes expiatórios", referidos como "vítimas inocentes que servem de exatório aos infortúnios da maioria" (BERLIOZ, 1997, p. 522). Desse modo, as desgraças foram atribuídas, sucessivamente, aos leprosos, judeus, feiticeiros ou feiticeiras, benzedoras e aos epiléticos, que, em diversos locais, foram massacrados, queimados ou expulsos.

Jung afirmou, a respeito dessas reações coletivas, que quando as emoções ultrapassam um determinado ponto crítico e eleva-se a temperatura afetiva, "a razão perde sua possibilidade efetiva", sendo substituída por "uma espécie de possessão coletiva que, progressivamente, conduz a uma epidemia psíquica", prevalecendo "todos os elementos da população que levam a uma existência antissocial, tolerada pela ordem da razão" (JUNG, 1958, p. 14).

Verificando as referências históricas ou literárias sobre as pestes ou as pandemias, observamos que estas sempre colhem as nações despreparadas para o seu controle, e situações como hospitais lotados, equipes de saúde esgotadas, corpos amontoados nas ruas ou enterros sem velórios se repetem *ad aeternum*. Já apontamos, em outro espaço (MACHADO FILHO, 2020), que as condições acima descritas suscitam também a emergência da sombra coletiva através do lado obscuro das autoridades e dos setores econômicos, que, em detrimento da ganância, assumem atitude negacionista e reduzem a vida humana a meros dados estatísticos, assim como da própria coletividade, que potencializa a propagação de notícias falsas (hoje, as *fake news*), elege "bodes expiatórios" ou exalta panaceias milagrosas sem validade científica, como é o caso atual da cloroquina e da hidroxicloroquina. Afirmamos, no mesmo texto, que, se, em outras épocas, verificou-se a autculpabilidade e o castigo divino como causa das epidemias, a ocorrência do terror apocalíptico, relacionado com o Juízo Final e o final dos tempos (influenciado pelo texto profético do Apocalipse, atribuído a São João) e a escolha de um "bode expiatório" como justificativa aos infortúnios ocorridos, hoje o mundo depara-se com o fundamentalismo religioso e o radicalismo político expressando a sombra coletiva e interferindo nos esforços direcionados para o controle da doença.

No Brasil, o aspecto sombrio do radicalismo político explicita-se através de seu principal líder, o presidente da república, conforme pudemos verificar no breve resumo de suas práticas, em um raro artigo mal humorado de Ruy Castro, publicado na Folha de São Paulo de 29/07/2020, onde descreve o comportamento irresponsável desse líder, que faz piadas com o vírus, minimiza seu perigo, desinforma deliberadamente as ações de prevenção e estatísticas, recusa-se em aceitar as orientações dos órgãos internacionais, instiga à desobediência dessas orientações, desmoraliza os encarregados por ele próprio de dirigir a saúde e

os substitui por estranhos à matéria, faz propaganda falsa de remédio e ainda debocha de vítimas da doença.

O discurso negacionista desse líder encontra respaldo no processo de polarização que acomete parte da sociedade, simultaneamente à ocorrência da pandemia. Em brilhante palestra sob o tema "Polarização de opiniões: bases cerebrais de nossas opiniões", proferida em recente congresso online já mencionado (Brain XP Experience), o neurologista gaúcho André Palmieri referiu-se à sensibilidade metacognitiva (SC), que corresponde à "capacidade de refletir baseada em evidências". O neurologista afirmou que o pensamento radical, a intolerância dogmática, o fanatismo e o autoritarismo expressam uma baixa sensibilidade metacognitiva. Observou que questões políticas e religiosas, por exemplo, ativam a rede neural Default, o que implica em que o indivíduo preste mais atenção a si mesmo do que àquilo que vem do mundo, e que evidências contrárias ativam áreas cerebrais como a ínsula e a amígdala, fazendo com que o indivíduo com baixa SC se sinta ameaçado e produza sentimentos aversivos, desencadeando reatividade contrária e não permitindo-se avaliações ponderadas. Esse raciocínio complementa as reflexões do ponto de vista psicológico, feitas por Jung (1958), que são impressionantemente atuais, advertindo sobre a periculosidade que esses elementos representam, quando "o seu estado mental corresponde a um grupo da população que se acha coletivamente exaltado por preconceitos afetivos e fantasias de desejo impulsivo" (Ibidem p.15). Jung afirma, mais adiante, que tais quimeras,

Baseadas em ressentimentos fanáticos, fazem apelo para a irracionalidade coletiva, encontrando aí um solo frutífero, na medida em que exprimem certos motivos e ressentimentos também presentes nas pessoas normais, embora adormecidos sob o manto da razão e da compreensão (Ibidem, p.15).

Jung nos adverte, ainda, que a submissão à sombra nos faz incorrer ao risco das infecções psíquicas e sujeitos à manipulação das falsas verdades, quando o inconsciente não é alcançado pela crítica e controle da consciência. Afirmo que "nós só podemos nos proteger das contaminações psíquicas quando ficamos sabendo o que nos está atacando, como, onde e quando isso se dá" (Ibidem p.16).

No momento em que este artigo está sendo escrito, uma grande ansiedade se manifesta em parte da população que, cansada do isolamento coercitivo, e, juntamente com a pressão dos setores econômicos, força as autoridades a flexibilizarem a abertura dos estabelecimentos comerciais e escolares; esse movimento já ocorreu em outros países, ocasionando, em alguns lugares, uma segunda onda da infecção pelo COVID-19. No Brasil, infelizmente, a flexibilização talvez não faça muita diferença, devido ao descontrole que a polarização instalada na cruz formada pelos eixos do combate à pandemia e o eixo do espectro político já provocaram, o que redundou em negacionismo, desinformação generalizada e comportamento caótico da população.

CONCLUSÃO

Quando começaram a chegar as notícias sobre a pandemia e a surgirem os primeiros casos entre nós, muitas pessoas começaram a se queixar de aperto no peito e nó na garganta: era a angústia que a iminente tragédia já estava provocando. A região torácica, que simbolicamente é a área do sentimento, estava sendo sensibilizada. Esta é a região de nosso corpo que, na filosofia concernente à Yoga Tântrica, corresponde ao *chakra Anahata*, e que Jung, no seminário "Comentários psicológicos sobre a Yoga Kundalini", afirmou ser o local onde a psique encontra-se com o corpo e abre-se para a referência da Consciência Superior (*Self/Atman*). A percepção da tragédia, apesar da angústia que gerou,

viria a mobilizar, nas pessoas mais sensíveis, sentimentos de solidariedade e cuidado, e movimento instintivo de autoproteção.

Mas, apesar de tudo e de todas as recomendações e cuidados tomados, a pandemia do COVID-19 já ceifou centenas de milhares de vidas no mundo todo, produzindo, sobre a humanidade, o mesmo impacto que as grandes catástrofes provocam. A proximidade da morte, no entanto, passou a exigir de todos nós uma maior elaboração do seu significado e da finitude da vida. A solidariedade às famílias que perderam seus pares e o exemplo dos profissionais da saúde no combate à pandemia, mesmo que à custa do sacrifício de muitos deles, foi dignificante ao sentimento de humanidade. As pessoas perceberam, também, que poderiam viver com menos do que tinham, privilegiando-se apenas o que era imprescindível, e verificou-se que até seria possível construir-se uma sociedade mais "leve" e solidária.

No momento em que concluo este ensaio, as vacinas contra a doença do COVID-19 entram nas fases finais de testes clínicos e a imunização da população deverá se iniciar nos próximos meses. No entanto, começam a circular nas mídias sociais e através do *Whats App* desinformações sobre as mesmas, com forte cunho político, e notícias sobre uma possível recusa à vacinação por parte da população "por motivações políticas"³. Infelizmente, assim polarizados, facilmente nos tornamos vítimas de propósitos negacionistas e irreflexivos, protagonizando a tragédia pandêmica de uma sociedade também parcialmente polarizada, ao custo de mais de cem mil vítimas.

Compreendemos que este hiato na história coletiva que estamos vivendo, momento dramático de muitas pessoas em estado de grande sofrimento e do luto de famílias que perderam seus entes queridos, poderia ser uma grande oportunidade de aprendizado e de elaboração de nossos conflitos. Mas nós ainda não aprendemos que o mundo é formado pelo claro e pelo escuro. Vale aqui a referência de Jung acerca do homem oriental e ocidental, de que "somente serão retirados do jogo do maia ou dos opostos pela vivência do *atman*, do si-mesmo, da totalidade maior" (Jung, 1958, p. 211). Entendemos, ajustando o pensamento de Jung ao conflito que hoje vivenciamos, que só será possível dominar esta polaridade na medida em que nos libertarmos dela "pela contemplação de ambos os opostos", e assim, atingirmos a posição do meio, quando não estaremos mais submetidos a esta condição. ❏

Referências

- ABDO, C. "A nova sexualidade e a violência doméstica". Pesquisa apresentada no Congresso (online) Brain XP Experience, em 24/07/2020.
- ARAÚJO, L.M.Q. "Desafios de uma nova doença" (artigo), in Revista Ser Médico nº90 (Jan/Fev/Mar 2020). Publicação do CREMESP – Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.
- BERLIOZ, J. "Flagelos", in Le Goff, J. & Schmitt, J.C. Dicionário Analítico do Ocidente Medieval. São Paulo: UNESP, 2017.
- CASTRO, RUY "Porque só Bolsonaro" (artigo), in Folha de São Paulo, edição publicada em 28/07/2020.
- DETHLEFSEN, T. e DAHLKE, R. (1983) A Doença como Caminho. São Paulo: Cultrix, s/data.
- HAN, B.C. (2005) Hipericulturalidade: Cultura e Globalização. Petrópolis, Vozes, 2019.
- JUNG, C.G. (1932) "Comentários psicológicos sobre a Yoga Kundalini" (seminário, apostila).
- JUNG, C.G. (1956) "A ameaça que pesa sobre o indivíduo na sociedade moderna", in O Si-Mesmo Oculto (Presente e Futuro). Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- JUNG, C.G. (1958) "O bem e o mal na psicologia analítica", in Civilização em Transição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- MACHADO FILHO, P. T. "A peste na história, na arte e na literatura", in Revista Jung & Corpo nº 20 (2020) Publicação do curso Jung & Corpo, do Instituto Sedes Sapientiae, de São Paulo.
- MENDES, M.B., BAIMA, C.B. E POLLA, M.S. "Aspectos clínicos do COVID-19" (Artigo), in Revista Ser Médico nº 90 (Jan/Fev/Mar 2020). Publicação do CREMESP – Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.
- NIETZSCHE, F. (1882) A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ORTELLADO, P. "Imunização em risco" (artigo), in Folha de São Paulo, edição publicada em 04/08/2020.
- PALMINI, A. "Polarização de opiniões: bases cerebrais de nossas opiniões". Palestra proferida no Congresso (online) Brain XP Experience, em 25/07/2020.
- ROHDE, L.A.P. "Crianças e adolescentes mais perto da tela? O que fazer?". Palestra proferida no Congresso (online) Brain XP Experience, em 24/07/2020.
- SCHMITT, J.C. (2001) O Corpo, os Ritos, os Sonhos, o Tempo: Ensaios de Antropologia Medieval. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SOUSA, M. A. (2009) Nietzsche: Viver intensamente, tornar-se o que se é. São Paulo: PAULUS, 2012.
- SUZUKI, D.T. (1957) Mística: Cristã e Budista. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

3 Cf. Ortellado, P., "Imunização em risco", artigo publicado na Folha de São Paulo, em 04/08/2020.